

## TRAGÉDIA NO SUL

## Oração a 9 mil quilômetros do Sul

Mais de 1,5 mil brasileiros estão em Assis, na Itália, para celebrar o Pentecostes. Além de rezar pelas vítimas das enchentes no estado, eles ressaltam a importância de se promover ações concretas e de interromper a onda de agressões ambientais

» ANA DUBEUX  
Enviada especial

**A**ssis (Itália) — A mais de nove mil quilômetros do Rio Grande do Sul, uma legião de brasileiros está unida em oração pelo fim do dilúvio que arrasou o estado. Peregrinos de várias partes do mundo, muitos com alma verde e amarela, viajaram até a cidade italiana de Assis para participar do Pentecostes da Paz, hoje e amanhã. O evento integra a programação do Congresso Internacional de Pentecostes, que chega à 12ª edição. Tradicionalmente realizado na Terra Santa, o congresso foi transferido para a cidade natal de Francisco de Assis, um dos santos mais populares da Igreja Católica, em razão do conflito entre Hamas e o governo de Israel.

O propósito dos peregrinos é orar pela paz na região de conflito no Oriente Médio. Mas a tragédia no sul do Brasil se incorporou ao rosário dos peregrinos. “Estamos aqui rezando pela paz. Mas existem pessoas hoje, no Brasil, que estão passando por muitas dificuldades. E a gente não pode apenas rezar. A gente precisa de atos concretos”, diz Gilberto Barbosa, um dos fundadores da Comunidade Obra de Maria, que organiza o Pentecostes da Paz em parceria com a comunidade Canção Nova.

Barbosa acredita que todos podem contribuir na ajuda às vítimas da enchente, da maneira espiritual ou material. “A gente não pode simplesmente silenciar e ficar assistindo. Temos que fazer a nossa parte, que é contribuir. O Brasil é grande, é um país continental. Se todo mundo der a sua contribuição, logo vamos superar essa dificuldade”, conta Barbosa. Ele estima que 1.500 brasileiros estão na cidade de Assis, proveniente do Brasil e de outros países, como Estados Unidos, Angola, Bélgica, Alemanha, Portugal e Itália.

“Nunca vi tanta atrocidade nesse tempo. Então, resolvemos fazer o Pentecostes da Paz onde viveu aquela pessoa que mais espalhou a paz no mundo”, conta Maria Salomé, co-fundadora da Obra de Maria, referindo-se a São Francisco de Assis. “Esse era o lema dele: paz e bem. É por isso que estamos aqui”, conta a organizadora, na entrada da igreja Santa Maria dos Anjos.

Assim como Gilberto Barbosa, Maria Salomé ressalta que o apoio aos gaúchos precisa ir além das orações. E conta o

Ana Dubeux



Antes de seguir para Assis, o grupo de brasilienses esteve em Cássia, onde nasceu Santa Rita

exemplo pessoal. Após ver imagens chocantes dos gaúchos se jogando, “sem medo de leptopirose, sem medo de nada” nas águas contaminadas, a católica começou a indagar como poderia ajudar as vítimas. Lembrou-se de que tinha um baú repleto de casacos adquiridos ao longo das muitas peregrinações. Não pensou duas vezes: encheu três sacos pretos com as roupas de frio. “Não ficou nada dentro do baú”.

A Obra de Maria fez mais pelas vítimas da enchente. Em parceria com a Canção Nova, a entidade contratou dez carretas para transportar e distribuir água mineral às famílias atingidas pelas cheias. O custo da operação foi

de R\$ 40 mil e permitiu transportar 145 mil litros de água para o Sul. A Obra de Maria está organizada para ampliar a ajuda aos gaúchos e aceita doações via pix.

Maria Salomé afirma que, em momentos dramáticos como este no Rio Grande do Sul ou em outras partes do mundo, é preciso ir além da oração. É preciso fazer um gesto, por menor que seja. “É o dízimo, a gotinha de água que a gente pode dar”, ressalta a peregrina. Na terra de São Francisco de Assis, ela lembra uma história de Madre Teresa de Calcutá, outra personagem histórica conhecida pelo auxílio aos necessitados. “Um dia perguntaram a Madre Teresa de Calcutá: ‘Isso

que você faz dá jeito?’. Ela disse: ‘O que eu faço é uma gotinha no oceano. Se cada um desse sua gotinha no oceano, seria diferente’”.

Wellington Jardim, vice-presidente da Fundação João Paulo II e conselheiro da comunidade Canção Nova, considera que os brasileiros estão dando um exemplo notório de solidariedade. Mas lembra que a tragédia no Sul traz um alerta eloquente sobre os equívocos que vêm sendo cometidos na relação com a natureza. “A solidariedade vai acontecer. O brasileiro está mostrando, cada vez mais, que ele ajuda a quem precisa. Mas há uma mensagem também que cada um de nós tem de rever, como

Ana Dubeux



Os peregrinos Gilberto Barbosa, Luzia Santiago e Wellington Jardim

brasileiro: o que eu posso fazer, mas também o que eu não posso fazer. Porque nós contribuimos também para que isso acontecesse”, afirma o religioso.

Jardim entende que é preciso refletir sobre o significado da tragédia ambiental no Sul. “A gente tem que parar e pensar. O Rio Grande do Sul vai começar do zero. Vai ser um estado novo, não tem jeito. E isso pode acontecer em qualquer estado, como São Paulo, do dia para noite. A gente tem que se rever. É a missão que Deus está nos dando e dizendo agora: brasileiro, reveja sua parte”, acredita o integrante da Canção Nova. Na caravana religiosa brasileira, há muitos depoimentos de gente que acredita na força da fé e na importância desse momento para ajudar quem passa por tanto sofrimento. A bancária aposentada Tânia Aparecida dos Santos, moradora de Brasília, está em peregrinação desde o dia 11. “Passamos em Fátima, Roma e Cássia em preparação para o Pentecostes”, conta. Ela viaja há 15 anos para eventos dessa natureza. “A minha expectativa para este Pentecostes é o derramamento poderoso do Espírito Santo. Então é muita oração, muita fé e muita confiança na Providência Divina. Porque o Espírito Santo é que vem renovar tudo”, conta.

Uma das lideranças religiosas convidadas para o Pentecostes

da Paz, o padre Reginaldo Manzotti, explicou a importância do Pentecostes em momento tão conturbado. “Todos os anos celebramos Pentecostes na Terra Santa. Agora, nós tivemos que sair da Terra Santa e pedir paz. Mas não é só pedir pela Terra Santa. É pedir pelo Brasil, para que haja paz nos grandes centros, nos pequenos centros, nas periferias. Eu moro no centro de Curitiba e vejo muita violência. E vou rezar por todas as vítimas do Rio Grande do Sul e do Maranhão. Neste encontro inter-nacional de Pentecostes, rezamos pela realidade do mundo e do Brasil. As graças são imensas. As pessoas voltam para casa renovadas. Quem não é convertido, volta convertido. E quem já é, volta edificado. É uma renovação na fé”, conta.

O Pentecostes da Paz em Assis terá a participação de importantes lideranças católicas. Além dos padres cantores Fábio de Melo e Reginaldo Manzotti, estarão presentes frei Gilson e irmã Kelly Patrícia. Além de missas, a programação de hoje e amanhã inclui testemunhos de fé, pregação e momentos de oração.

\* **Jornalista viajou a convite da organização do evento.**

## “Trabalhar com a natureza”, recomenda ambientalista

» HENRIQUE FREGONASSE\*

Bacharel e mestre em Engenharia Ambiental pela Universidade Técnica de Cottbus (Alemanha), Michael Becker, acredita que trabalhar junto à natureza é o princípio básico do qual é preciso partir para se pensar a prevenção de desastres ambientais extremos. Um exemplo são as enchentes que assolam o Rio Grande do Sul em decorrência das fortes chuvas do último mês.

No Podcast do **Correio**, o CEO da Nature Invest disse que o planejamento das cidades não pode continuar sendo feito como era no passado, mas sim visando “reduzir riscos ao máximo”. “A gente não pode continuar a planejar as cidades como a gente planejava no passado. Porque, no passado, a gente não tinha esses eventos extremos, e agora nós temos”, explicou. Segundo ele, é preciso trabalhar com a natureza para tentar minimizar essas catástrofes ao máximo.

Becker sugeriu a aplicação do conceito de “cidade esponja” como uma alternativa para o planejamento de cidades visando

à prevenção de inundações. Às jornalistas Fernanda Strickland e Rafaela Gonçalves, o engenheiro ambiental explicou o funcionamento da estratégia, já utilizada em cidades chinesas, em que o solo e a infraestrutura são trabalhados para absorver um grande volume de água e, além disso, direcionar os maiores fluxos para longe das regiões de maior vulnerabilidade.

“A ideia é deixar, por assim dizer, a água ‘invadir’ a cidade, mas essa invasão acontece de maneira muito mais controlada. Ou seja, tem-se áreas definidas na cidade que podem ser invadidas, onde não existem habitações, onde a água pode se expandir, e expandindo naquelas regiões, você tira a água, por exemplo, do centro. Então o centro, onde tem aquela infraestrutura, não é atingido porque a água pode expandir para outras regiões. Isso está planejado dentro das cidades esponja, e isso, sem dúvida, é um conceito muito importante que a gente pode aplicar para as cidades do RS, inclusive a própria Porto Alegre”, argumentou.

Para o CEO da Nature Invest, a

Sara Campos/Agência Cajul



Michael Becker, CEO do Nature Invest: construção de cidades esponja é uma alternativa para enchentes

tragédia ocorrida no estado é um dentre tantos fenômenos climáticos extremos que têm ocorrido ao redor do planeta nos últimos anos, decorrentes das mudanças climáticas recentes. Mais especificamente, ele cita alguns fatores recentes que, em conjunto,

teriam resultado nas inundações em território gaúcho.

“A gente teve o El Niño, que configurou uma zona de alta pressão no Cerrado, onde a gente está agora, em Brasília, mas também tivemos a influência de uma frente fria e, depois, mais

os jatos de ares bastante úmidos vindos da Amazônia”, pontuou. “Essa combinação fez com que, exatamente, houvesse uma precipitação, uma chuva muito forte, ou seja, uma chuva com grandes volumes, em curto espaço de tempo, concentrados naquela

região de serra”, explicou.

Com um histórico de trabalhos focados no Cerrado, Becker demonstrou preocupação com o que chamou de “afrouxamento” das legislações ambientais que regem o bioma. Para o engenheiro ambiental, o Cerrado poderá ser negativamente impactado por legislações que, por exemplo, resultem no aumento do uso de agrotóxicos. As legislações que tendam a flexibilizar o licenciamento ambiental e a autodeclaração da posse de terras também são vistas pelo CEO da Nature Invest como um enfraquecimento do Código Florestal.

“Esse enfraquecimento do Código Florestal, colocando essas outras leis agora em debate, é muito ruim, muito prejudicial, realmente, ao Cerrado. Eu acho que as leis (vigentes) estão boas, foram bem debatidas. Desejo que aqueles que estão, no agronegócio, fazendo a coisa certa, realmente tenham uma voz forte também no Congresso e no Legislativo dos estados”, disse.

\* **Estagiário sob supervisão de Edla Lula**